Márcio Oliveira

TENTÁCULOS

1º edição
Salvador - Bahia
Edição do autor
Ano - 2010

ÍNDICE

1- p.9
2- p.11
3- p.14
4- p.17
5- p.19
6- p.22
7- p.26
8- p.30
9- p.35
10- p.39
11- p.42
12- p.45
13- p.48
14- p.52
15- p.55
16- p.59
17- p.63
18- p.68
19- p.71
20- p.74
21- p.76
22- p.79
23- p.82
24- p.84
25- p.88
26- p.92
27- p.95
28- p.98
29- p.101
30- p.104
31- p.107
32- p.110
33- p.113
34- p.117
35- p.119
36- p.123
37- p.125
38- p.127
39- p.129
40- p.131
41- p.133
42- p.136
43- p.139
44- p.142
45- p.145
46- p.148

TENTÁCULOS

1

Até tentou dormir durante a noite, mas não conseguiu. Já se via, revirando os canais a cabo à procura de programas de receita, lendo as charges de jornais antigos, colunas sociais, encartes publicitários de lojas, de móveis... Podia também experimentar uma receita nova ou fazer um chá de erva cidreira, o que não ajudava muito a diminuir a ansiedade, mas lembrava os conselhos da avó. Paulo Vasques, no auge dos seus trinta e um anos, achava mesmo ridículo que ainda apelasse ao chá para evitar recaída no vício, mas era o que funcionava no momento insone em que sofria de crise por abstinência aos remédios para dormir.

O chá era mesmo uma saída ridícula e funcional. E se soubessem que era receita da avó, seria “gozação” na certa no escritório, como aconteceu quando descobriram que estava matriculado nas aulas de culinária de madame Charlote, que apesar do nome francês, nasceu em Juazeiro, interior da Bahia e era especialista na boa comida baiana.

Apesar de não ter vocação para saudosismo, não deixava de gostar de certas estórias. Ainda lembrava-se

de quando conheceu madame Charlote no curso do Hotel Mar e todo folclore que a cozinheira costumava imprimir nas conversas sobre a origem das comidas. Tempos depois, as estórias continuavam sendo contadas, agora não mais no hotel, e sim no próprio restaurante de madame que uniu em um mesmo espaço dois prazeres: contar estórias e cozinhar.

Segundo a sua teoria, todos os pratos tinham origem nas guerras entre tribos e na necessidade do povo em armazenar comida. Era uma verdade sempre contada com sabor especial porque a cozinheira era especialista em misturar fatos históricos com ficção, uma boa dose de humor e crítica política. Envolvido nas lembranças, Paulo sabia que não dormiria tão cedo.

Não precisou recorrer ao chá. O telefone tocou. Assim que atendeu, pegou a jaqueta de couro preta, os óculos "escuros" e um maço de cigarros. O novo caso merecia que esquecesse as lembranças e voltasse a fumar, outro vício do qual também tentou escapar através do chá.

Na tentativa de largar o cigarro, tomou uma tonelada de chá de erva cidreira. Certamente, iria precisar de outra, porque sempre ouviu falar que depois da recaída era pior. Levou o maço de cigarros no porta- luvas do carro e em pouco tempo chegou ao local do crime, a porta da boate Estrela da noite.

2

Quando saltou do carro, Paulo viu alguns dos frequentadores em volta do corpo. A polícia não tinha chegado ao local. O corpo era da bela jovem Fabiana Paes, morta com um tiro na testa, presa a um cabo de luz elétrica que caiu seguidamente a sua morte. Sofreu queda brusca ou fora empurrada para o local onde estava, era o laudo que a experiência de dez anos o ajudou a formular assim que viu a cena do crime.

O que restava era, acompanhar o trabalho da polícia, acionando os contatos que tinha no distrito para ficar devidamente informado sobre o andamento do caso antes da imprensa, que já aglomerava-se na porta da boate. Paulo sabia que tratava-se de assassinato e também que a mídia cobriria assiduamente o caso, ao mesmo tempo em que faria sensacionalismo e confundiria o público, como ocorreu nos últimos casos que investigou. Tentou não impressionar-se pelo que já previa e continuou a fotografar o cenário com o olhar.

O IML iniciou os trabalhos. Logo em seguida, equipes de rádios e tevês se aproximaram dos funcionários, recolheram informações. Paulo via de longe o trabalho da imprensa.

A mídia valoriza crimes onde as vítimas são os ricos e

a classe média, ignora os pobres. A injustiça não faz cócegas na sociedade, que dirá indignação. Concluía "enclichêzado" enquanto observava o "circo" que já se formava em torno dos funcionários do IML.

Também preparava-se para enfrentar o turbilhão. E já que tinha sido muito bem pago para desvendar o assassinato, resolveu deixar de lado a revolta social, mesmo quando viu alguns adolescentes da "alta" saírem da boate bêbados e dirigirem carros marca tipo luxo importados que o porteiro da boate levaria anos para não conseguir comprar.

E ainda matam e morrem em alta velocidade, mas esses pagam fiança e já estão de volta!

Dizia o porteiro.

Paulo voltou para o carro. Notou que Jaime, seu assistente, o procurava nas imediações. Acenou, Jaime se aproximou:

__ Como é que é, vai ser difícil com o "delega"? Muita "resenha"?

__ Pior se fosse o Wolf, que me odeia. O delegado é o Olavo, conheço há tempos.

Jaime lembrou-se da morta:

__ Jovenzinha, jovenzinha, a tal... Os peitos davam um caldo ainda, né não?

__ Falta de mulher?

__ Só pego "baranga" atualmente, esse é o problema.

Seguiram de carro para o escritório. E já no carro mesmo, começaram a montar o quebra-cabeça do crime a partir do perfil da vítima: Fabiana da Costa Paes, vinte e três anos, filha de Ângelo Azevedo Paes, dono de uma das maiores construtoras do país. Cursava paisagismo numa faculdade particular, local onde conheceu o atual namorado, Diogo Dantas Mascarenhas, brasileiro, amigo de infância de Fabiana, trabalha numa das filiais da empresa do pai.

__ Qual a empresa? Perguntou Jaime.

__ Ainda não sei. Vamos continuar na trilha da família.

Os Azevedo Paes possuem aparente boa convivência, estão sempre em reuniões sociais e possuem intensa relação com políticos e autoridades religiosas da cidade. A mãe, Lara da Costa Paes, é dona de casa, administra pessoalmente duas instituições sociais que abrigam menores abandonados, típica mulher de sociedade. O pai, Ângelo Azevedo, é poderoso empresário do ramo da construção civil. Artur, seu filho mais velho, é o natural sucessor de Ângelo nas empresas, atualmente é diretor financeiro do grupo.

__ Algo mais? Jaime perguntou com superioridade que irritou Paulo.

__ O império é fruto da união de bens herdados da família de Lara e Ângelo. Nada mais.

3

Paulo estacionou o carro na esquina mais próxima. Pegou papel, caneta e anotou o nome das personagens que acabou de citar, fez um círculo em volta do nome de Artur.

__ É o primeiro suspeito.

Jaime questionou:

__ Crime em família? Eram ou não eram unidos?

__Não podemos descartar nenhuma possibilidade. É o primeiro indício que temos. Já ouvi comentários de que havia uma disputa interna entre Fabiana e Artur pela presidência das empresas, o irmão é um dos suspeitos.

Paulo, que já não suportava segurar a vontade, pediu:

__ “Moral”, pega um cigarro no porta-luvas.

Jaime pegou o cigarro com nojo e entregou a Paulo, que saiu do carro para fumar. O assistente aliviado:

__ Minha vida agradece.

Jaime também fez cópias dos escritos em um papel, como já era hábito. No entanto, intrigava o assistente, o fato de ainda não saber o nome do cliente, e era sempre o primeiro a saber, exceto quando tratava-se de

sigilo absoluto:

__ Quem o contratou? Perguntou da janela.

Ao deparar-se com o silêncio absoluto de Paulo, preferiu guardar a curiosidade até conseguir pista que levasse à identidade do contratante. Ligou numa FM.

Paulo fumava e pensava em prazer. Seria uma investigação prazerosa? Era a primeira pergunta que fazia quando iniciava um caso. Apesar de não ser de uma família rica e precisar trabalhar para se sustentar, só aceitava trabalhos por prazer. Não sabia se era o mais correto, mas achava que o mundo vivia acomodado demais ao mal estar e queria ser diferente.

Depois dizem que não sou idealista!

De fato, não via nenhum amigo se descabelar por viver mal, ou insatisfeito com a vida medíocre que levava. Parecia normal, viver mal. Percebia aceitação generalizada da insatisfação e queria levar outro estilo de vida, por isso sempre se perguntava se tal trabalho daria prazer ou não, embora não escapasse a demora da resposta. Não era um comportamento prático, talvez. Não se pode esperar muito para algo acontecer, o dinheiro chegar, mas sempre se comprometia com o prazer em primeiro lugar. Seria erro ou má formação cultural?

Questionamentos à parte, a investigação que apresentava-se daria muito prazer, estava certo. Podia